



Título A ave mística de Tadáskia voa alto e avante
Data 16 de outubro de 2025
Evento K21 Global Art Award
Publicação O Globo

Autor Ruan de Sousa Gabriel
Artista Tadáskia

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rgabriel@edglobo.com.br
SÃO PAULO

A carioca Tadáskia estava em Düsseldorf para receber o Prêmio Global de Arte K21, concedido a jovens artistas emergentes, quando conversou por vídeo com o GLOBO no começo do mês. Ela ia inaugurar na cidade alemã a instalação "brincando animada: travesti mariposa centopeia". De lá, voou para Londres, onde apresenta suas obras na Frieze, feira de arte contemporânea que começou ontem e vai até domingo. Autora de desenhos, esculturas, instalações, vídeos e poemas, que usa materiais como lápis de cor, esmaltes de unha, bambu e cascas de ovo, Tadáskia voa alto.

Em 2024, expôs no Museu de Arte Moderna de Nova York, que adquiriu obras dela. Nunca antes uma artista havia sido autorizada a desenhar diretamente nas paredes do MoMa. De julho a agosto, esteve em cartaz no Museu de Arte Contemporânea de La Haute-Vienne, no Castelo de Rochechouart, na França. Mês passado, foi eleita pela revista Time uma das cem "estrelas em ascensão mais influentes do mundo". E acaba de lançar, pela Cobogó, um volume que reúne duas séries de desenhos e poemas (em português e inglês): "Lua coelho negra" e "Ave preta mística" (que foi exposta no MoMA e na Bienal de Arte de São Paulo de 2023).

Mulher transexual negra, Tadáskia tem 32 anos. Formada como técnica em eletrônica, estudou artes visuais na Uerj, onde entrou em contato com o movimento negro. Seu nome, diz, "vem de vidas passadas".

— Esse nome me chamou. É tão bom poder mudar, né? Principalmente hoje, quando o direito de as pessoas se autodeterminarem e escolherem seus caminhos está ameaçado do mundo afora — diz ela.

PLANTANDO DE CHUCHU NA RUA

Tadáskia cresceu no bairro do Santíssimo, na Zona Oeste do Rio, cercada de natureza. Na rua, havia até uma plantação de chuchu. A mãe falava com as plantas e as estrelas. Figurativa e abstrata ao mesmo tempo, a obra de Tadáskia está encharcada de natureza: flores, frutos, insetos, répteis e pássaros parecem se esconder nos desenhos coloridos da artista (ou talvez sejam apenas "alienígenas", ela provoca).

Vários trabalhos de Tadáskia nasceram de "encontros" com a natureza. A "ave preta mística" é "prima" (ou "vizinha", quem sabe) da Sankofa, um símbolo das culturas da África Ocidental. Pássaro preto com um ovo no bico que olha para trás enquanto avança para a frente, a Sankofa ensina a "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro", segundo o intelectual negro Abdias do Nascimento (1914-2011). Tadáskia conheceu a ave negra ainda na faculdade, mas só voltou a pensar nela num avião para a Espanha, quando viu "o dia virar noite" — "insights em meus voos, durmo e me desperto brincando/da escuridão/ centelhas/ multiformes me guiam", diz um dos poemas da série.



Três vezes sim. "Yes, yes, yes", de Tadáskia, apresentada na Frieze London, feira de arte na capital britânica

A AVE MÍSTICA DE TADÁSKIA VOA ALTO E AVANTE

ARTISTA VISUAL CARIOCA CHAMA ATENÇÃO NO EXTERIOR COM OBRA MULTIDISCIPLINAR NASCIDA DE ENCONTROS COM A NATUREZA E INTERESSE NA BRINCADEIRA



Tadáskia: Ser "negra, trans e periférica" não é tema central

Na Áustria, ela teve seu encontro com os coelhos: viu os bichinhos de olhos vermelhos pulando nas cercanias do aeroporto. Era 2023, o ano do coelho no calendário chinês ("um ano ambíguo", recorda). Nos Estados Unidos, joaninhas a estimularam a pensar sobre o conceito de casca, que orientou a criação dos trabalhos em exposição em Londres. Houve também um encontro com a centopeia, que inspirou uma obra incluída na instalação em cartaz em Düsseldorf.

— Em 2024, fui picada por uma centopeia no último dia do carnaval do Rio. Foi a primeira vez que eu me entreguei ao carnaval. A centopeia é venenosa e o carnaval é associado ao mal, ao que pode te levar para o inferno, enfim... E pode mesmo, porque o inferno está em todo lugar, assim como o céu — diz a artista. — A centopeia me deu vários insights. Nessa época, houve uma quebra dos conceitos de bom e mal, de certo e errado.

INTERESSADA NA FÉ

Tadáskia foi criada numa igreja pentecostal. Hoje, não se filia a nenhuma religião, mas continua interessada na fé.

— Passei por várias religiões, mas não me limito a dogmas. O primordial para mim é a liberdade de me conectar com o que é estrangeiro a mim. E em mim — prega a artista, que sempre começa seus desenhos de olhos fechados, como se fizesse uma oração.

Integrante do júri que deu a Tadáskia o Prêmio Global de Arte K21, Jochen Volz, diretor da Pinacoteca de São Paulo, afirma que a carioca se destaca por sua ousadia e frescor.

— Tadáskia cria pinturas, desenhos e esculturas inspiradas por narrativas míticas sobre transformação. Formas orgânicas, elementos abstratos e motivos do infinito marcam suas obras, que exploram os ciclos e as constantes mudanças na natureza — diz ele.

A série "Ave preta mística" é dedicada "às irmãs negras e irmãos negros outsiders", "às mulheres negras e pessoas trans negras", "às pessoas que se importam com as crianças e às pessoas que são igualmente crianças". Mas Tadáskia não acha que ser "negra, trans e periférica" seja o tema central de seu trabalho. Na verdade, o que mais a interessa é a "brincadeira".

— E, inclusive, isso engloba ser negra, trans e ter sido periférica — explica a carioca. — Quando a gente brinca, a gente pode mudar, ser livre. A Octavia Butler (1947-2006, escritora americana) fala que Deus é mudança. As lutas das populações negra, indígena, trans e periférica são importantes, mas a luta não pode ser a nossa única alternativa, não dá para viver só guerreando. Estou familiarizada com a luta, mas também acho que brincando a gente pode descobrir novos caminhos de liberdade, paz e tranquilidade. É isso que tento fazer com os meus materiais (o carvão, o pastel, a taboa) e as minhas palavras.